



**A valorização dos processos científicos no jornalismo universitário:
uma análise dos jornais da USP, Unesp e Unicamp**

**The appreciation of scientific processes in university journalism:
an analysis of the newspapers of USP, Unesp, and Unicamp**

Lara Luiza Baesteiro Campeão¹
Liliane de Lucena Ito²

Resumo: O artigo analisa os jornais da USP, Unesp e Unicamp, com foco em como representam o fazer científico. Por meio de revisão teórica e entrevistas com jornalistas, investiga-se como esses veículos valorizam os processos da ciência. Conclui-se que, ao romper com a lógica de resultados prontos, eles favorecem a alfabetização científica e enfrentam a desinformação.

Palavras-chave: Jornalismo universitário; Divulgação científica; Mitologia dos resultados; Processos científicos; Desinformação.

Abstract: This article analyzes the newspapers of USP, Unesp, and Unicamp, focusing on how they represent the practice of science. Through theoretical review and interviews with journalists, it investigates how these outlets value the processes of science. The study concludes that, by breaking away from the logic of ready-made results, they promote scientific literacy and combat misinformation.

Keywords: University journalism; Science communication; Results mythology; Scientific processes; Misinformation.

¹ Estudante do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) e pesquisadora no projeto “Índice de Credibilidade Jornalística: formulação de indicadores de fortalecimento do jornalismo para o combate aos ecossistemas de desinformação”. Integra o Comitê Nacional de Democratização da Checagem de Fatos. E-mail: lara.campeao@unesp.br

² Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Digital do Instituto Brasileiro de Ensino, Pesquisa e Desenvolvimento (IDP). Pesquisadora visitante na Universidade Beira-Interior (UBI). Desenvolve estágio pós-doutoral em Comunicação e Práticas de Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Doutora e mestra em Comunicação e graduada em Comunicação Social, Jornalismo pela Unesp. E-mail: liliane.ito@unesp.br



Introdução

Atualmente, é perceptível o crescimento da representatividade brasileira na produção científica internacional, apesar dos cortes sistemáticos em ciência e educação ao longo da última década. Segundo o relatório do (Observatório do Conhecimento, 2023, p. 2), o Brasil acumulou perdas de R\$117,71 bilhões em orçamento entre 2014 e 2023, o que representa uma redução de quase 50% em relação aos níveis de 2014. Mesmo diante desse cenário, o país manteve sua posição entre os 15 maiores produtores de ciência do mundo em 2023.

Porém, de acordo com (Pasternak, 2018), existe um descompasso entre essa produção e sua divulgação para a população, que carece de ações efetivas que garantam o real compartilhamento da Ciência. Essa lacuna representa, segundo (Luiz Signates, 2013, p. 136), uma das crises que a Ciência enfrenta no mundo contemporâneo: a crise da verdade³. Entre os principais desdobramentos causados por essa crise está a construção de uma imagem distorcida da ciência – não apenas pela ausência de informação, mas, muitas vezes, por uma cobertura midiática que privilegia resultados, desconectados de seus processos.

Essa tendência foi conceituada por (Cascais, 2003, p. 1) como **mitologia dos resultados**: o direcionamento da atenção da imprensa apenas para as conclusões e aplicações prontas das pesquisas, criando, no imaginário popular, a ideia de que a Ciência é totalmente utilitarista, consumível, inerrante e de que seus processos são simples e pouco custosos. Não entendendo o processo, a sociedade não se sente pertencente a ele, tornando difícil o diálogo entre os cientistas e a população.

Devido ao vácuo existente entre a Academia e a sociedade, não é de se surpreender que a última não ouça o que a Ciência tem a dizer, já que praticamente não a conhece. Assim, a ideia de Ciência se liga a “um conjunto de práticas restritas a tipos específicos de leituras do real, pavimentando o caminho para a naturalização de sua ilusória separação da esfera da cultura” (Garcia, 2014, p. 4).

³ Segundo o autor, em “Epistemologia e comunicabilidade: as crises das ciências, ante a perspectiva da centralidade do conceito de comunicação”, a crise da verdade é provocada a partir de uma compreensão pós-moderna na qual o conhecimento científico é apenas uma das muitas representações da realidade.



Nesse sentido, é preciso pensar a comunicação da Ciência para além da transmissão de dados e conclusões. É necessário tornar visível o próprio fazer científico, com suas complexidades, incertezas e construções. Para isso, o Jornalismo de divulgação científica, mais especificamente o jornalismo universitário, pode cumprir um papel central: romper com a mitologia dos resultados, contribuindo para uma alfabetização científica profunda.

Segundo (Authier-Revuz, 1999, p. 11), o termo divulgação científica pode ser definido como uma atividade, de caráter social, de disseminação, em direção ao exterior, de conhecimentos científicos já produzidos e que se mantêm em circulação apenas em uma comunidade restrita. Pautas científicas, contudo, não são habituais no cotidiano de grandes portais e veículos de mídia tradicionais, os quais se apegam apenas aos valores-notícia clássicos (Traquina, 2005, p. 63), e acabam reforçando a percepção da ciência como uma sequência de “grandes descobertas”, em vez de um processo contínuo de construção coletiva.

Assim, para que a Ciência seja vista para além de um mero produto e para que seu distanciamento em relação à sociedade seja mitigado, universidades criam departamentos, assessorias e iniciativas que trabalham diretamente a comunicação e divulgação científica.

Apresentação da Pesquisa

Especificamente sobre jornais científicos, entre os exemplos mais notáveis de universidades estaduais de São Paulo estão o *Jornal da USP*, da Universidade de São Paulo; o *Jornal da Unicamp*, da Universidade Estadual de Campinas; e o *Jornal da Unesp*, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

O presente artigo analisa o processo produtivo desses jornais, com foco em como suas rotinas, critérios de noticiabilidade e práticas jornalísticas contribuem para a superação da mitologia dos resultados e a valorização da ciência enquanto processo. Analisou-se a rotina produtiva da redação, desde o levantamento das pautas até a publicação das matérias, considerando elementos como prazos, divisão do trabalho e diversidade de fontes; o processo de mapeamento e hierarquização das pesquisas universitárias para seleção de conteúdo; o papel dos jornais universitários na divulgação científica, seus erros e acertos nesse contexto, bem



como sua contribuição para o combate à desinformação; além de possíveis interferências do poder público ou acadêmico no processo de produção jornalística.

Referencial Teórico-metodológico

A investigação foi composta por duas etapas principais: revisão bibliográfica e entrevistas. Na primeira etapa, foi realizada uma revisão teórica para mapear os principais estudos e pesquisas relacionados ao tema em questão. Essa etapa foi importante para levantar os conceitos e as teorias que embasam a produção jornalística, bem como para compreender as particularidades da divulgação científica em veículos de comunicação especializados.

Na segunda etapa, foram realizadas entrevistas com profissionais responsáveis pela produção de conteúdo nos jornais em questão, como jornalistas e editores. Essa etapa teve como objetivo compreender mais detalhadamente o processo produtivo dos jornais universitários, buscando identificar de que maneira as práticas jornalísticas contribuem para romper com a chamada “mitologia dos resultados” (Cascais, 2003, p. 1) e promover uma alfabetização científica mais crítica.

As entrevistas foram conduzidas com base em um roteiro semiestruturado, com perguntas abertas, as quais poderiam ser adaptadas e alteradas no decorrer das conversas (Duarte, 2015, p. 66). A análise de conteúdo (Fonseca Júnior, 2015, p. 289) foi realizada de forma qualitativa – com base em triangulação das informações fornecidas pelos entrevistados, conceitos abordados na revisão bibliográfica e dados oriundos da etapa de pesquisa documental – buscando identificar padrões e relações entre as informações coletadas. Essa abordagem permitiu captar não apenas a descrição das rotinas produtivas, mas também os sentidos atribuídos pelos jornalistas à sua prática, revelando percepções sobre os desafios de representar o processo científico na linguagem jornalística.

Resultados

No contexto atual, é comum separar os domínios do saber em busca de maior exatidão, rigor, segurança e disseminação das informações. Essa necessidade de especialização oferece



vantagens, como a capacidade de aprofundamento em áreas específicas do conhecimento. No entanto, também acarreta desvantagens, como a falta de comunicação entre essas diversas áreas, que não são tecidas como parte da mesma realidade, o que pode resultar em lacunas e dificuldades na integração de conhecimentos multidisciplinares.

Entretanto, as dinâmicas e necessidades da Comunicação e da Ciência parecem não se encaixar à medida que olhamos para seus cernes. Segundo (Bueno, 1998, p. 212), enquanto a ciência e a tecnologia são resultantes de processos que demandam tempo para maturação, não sendo vinculadas necessariamente à obtenção de resultados imediatos, a comunicação e o jornalismo dependem, de forma crucial, da coleta e da rápida circulação de informações.

Durante a pandemia de Covid-19, observou-se uma mobilização por parte da comunidade científica, direcionada para o enfrentamento da desinformação, que se traduziu em esforços para uma divulgação mais ampla e acessível das pesquisas. E isso se torna ainda mais importante dentro das Universidades, já que é lá onde os cientistas se encontram. A ciência produzida ali dentro precisa retornar para a sociedade em forma de elementos em prol do bem-estar público, como as vacinas, mas também de informação.

Segundo (Hernando, 1998, p. 44), a prática do jornalismo científico produzido pela universidade atinge os dois grandes objetivos da divulgação científica: conhecimento e ação prática. Se a universidade não o fizer, a informação plena não chegará à sociedade, já que as redações tradicionais estão cada vez menores e menos especializadas em ciência.

Para compreender melhor o fenômeno do jornalismo científico feito por Universidades, foram entrevistados representantes das três maiores universidades estaduais de São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista (Unesp) e Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Os entrevistados foram Pablo Nogueira Gonçalves Diogo, jornalista pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Ciência da Religião e editor-chefe do Jornal da Unesp desde julho de 2021; Malena Beatriz Stariolo, jornalista pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e repórter no Jornal da Unesp desde setembro de 2022; Luiz Roberto Serrano, jornalista pela Escola de Comunicação e Artes (ECA – USP) e superintendente de Comunicação Social da USP desde janeiro de 2018; Luiza Caires, jornalista, mestre em Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes (ECA – USP) e editora de ciência no Jornal da USP desde maio



de 2016; e Felipe de Oliveira Mateus, jornalista, doutor em Comunicação pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC - Unesp) e repórter no Jornal da Unicamp. Até a consolidação desse trabalho, nenhum representante da editoria do Jornal da Unicamp respondeu positivamente à solicitação da entrevista.

As entrevistas foram realizadas virtualmente entre fevereiro e abril de 2024, seguindo um roteiro semiestruturado, com perguntas abertas. Sendo assim, a análise das respostas seguirá por divisão temática.

a) Rompendo com a *mitologia dos resultados*

Sobre esse termo, os jornalistas entrevistados destacaram, de diferentes formas, a necessidade de comunicar a ciência para além de seus produtos – enfatizando seu caráter processual, incerto e cumulativo. Para Pablo Diogo, editor-chefe do Jornal da Unesp, explicar o processo metodológico das pesquisas é parte do compromisso com a alfabetização científica da sociedade:

A gente procura, em alguma medida, explicar como a ciência é feita. Alfabetização científica tem a ver com a sociedade geral ter uma ideia um pouco mais ampla de como a ciência é promovida, inclusive, como isso se diferencia com grandes grupos econômicos pressionando (Diogo, 2024).

Já Malena Stariolo, repórter do Jornal da Unesp, defende que é fundamental desafiar a imagem da ciência como detentora de certezas: “A ciência não lida com certezas absolutas; ela existe para desafiar conceitos estabelecidos” (Stariolo, 2024).

Luiz Roberto Serrano e Luiza Caires, ambos do Jornal da USP, também apontam para esse risco: ao se comunicar a pesquisa científica como uma descoberta isolada, pode-se reforçar uma ideia equivocada de que cada estudo representa uma “resposta definitiva”: “Nós publicamos estudos individuais, mas tentamos não transmitir a impressão de que um estudo representa a resposta definitiva, mas que ele está inserido em um contexto mais amplo de pesquisa” (Caires, 2024).



Por fim, Felipe de Oliveira Mateus, do Jornal da Unicamp, destaca um desafio específico: comunicar a importância da pesquisa básica, cujos impactos são frequentemente intangíveis a curto prazo, mas que formam a base sobre a qual a inovação se apoia.

Esses relatos revelam uma consciência clara, por parte dos jornalistas, sobre a necessidade de romper com a cobertura imediatista e utilitarista da ciência. Ao buscar dar visibilidade ao processo e não apenas aos resultados, os jornais universitários ampliam as possibilidades de compreensão pública da ciência e contribuem, de forma concreta, para uma alfabetização científica crítica e emancipadora.

b) Como a rotina produtiva dos jornais universitários favorece o processo científico

A produção jornalística nos jornais universitários da USP, Unesp e Unicamp compartilha semelhanças que refletem a natureza acadêmica dessas instituições – todas favorecem a abordagem aprofundada e contextualizada das pesquisas científicas.

No Jornal da Unesp, as reuniões semanais de discussão de pauta desempenham um papel fundamental. De acordo com Malena Stariolo, essa estrutura proporciona um tempo maior para a elaboração das matérias, o que permite uma abordagem mais detalhada e cuidadosa dos assuntos:

No jornalismo universitário a gente consegue se debruçar por mais tempo em uma pauta. O jornalismo diário tem, em média, três a quatro horas para escrever uma matéria, até as de ciência. Então acho que o jornalismo de ciência feito por jornais universitários se beneficia muito disso, o que permite explorar mais os temas, já que não estamos presos ao imediatismo. Isso permite o debate de assuntos que nem sempre são quentes, mas que são pertinentes (Stariolo, 2024).

No Jornal da USP, as reuniões diárias de pauta também evidenciam uma organização que busca manter a atualidade, sem renunciar à qualidade editorial. A editora de Ciência do Jornal da USP, Luiza Caires, destaca a atenção dada ao acompanhamento das pesquisas e ao contato com os seus produtores, reforçando que o entendimento completo da pauta só acontece durante a conversa com os cientistas. Essa abordagem favorece a construção de narrativas que não apenas traduzem os resultados da pesquisa, mas que também expõem as etapas, os métodos, os obstáculos e a relevância do processo científico.



Já no Jornal da Unicamp, o foco da rotina produtiva está na obtenção de material complementar, no contato com os pesquisadores e na contextualização das pesquisas dentro de um quadro mais amplo. A proposta não é apenas divulgar dados, mas traduzi-los, situá-los e aproximá-los de públicos diversos. Felipe também pontua que muitos pesquisadores não estão acostumados a pensar na comunicação pública de suas pesquisas, o que torna ainda mais importante o trabalho dos jornalistas universitários como mediadores.

Essas rotinas – com mais tempo, maior autonomia e atenção à linguagem – revelam como o jornalismo universitário pode criar condições favoráveis à valorização dos processos científicos, permitindo narrativas mais ricas, que contemplam dúvidas, incertezas, caminhos abertos e até lacunas. É justamente esse espaço que forma leitores mais críticos, menos propensos ao sensacionalismo e mais conscientes da complexidade da ciência.

c) Desafios na comunicação de uma pesquisa em construção

Um dos principais entraves enfrentados pelo jornalismo científico, inclusive dentro do ambiente universitário, é a dificuldade de comunicar a pesquisa básica. Muitas vezes, o valor da investigação científica está mais em seu potencial de encadeamento com estudos futuros do que em resultados práticos e imediatos. Esse desafio se agrava diante da pressão por “entregas” que pareçam úteis, rápidas e transformadoras.

Felipe de Oliveira Mateus, repórter do Jornal da Unicamp, destaca essa tensão e aponta que o próprio ato de selecionar pautas sobre ciência precisa escapar da tentação de sempre perguntar “para que serve?”:

Um grande desafio que eu vejo como jornalista de ciência é falar sobre pesquisa básica, aquela em que você não necessariamente busca gerar uma inovação ou um processo prático, mas sim novos conhecimentos dentro daquela área. Pode ser que uma pesquisa específica não vá mudar diretamente o dia a dia da ‘Dona Maria’, mas ela vai fortalecer uma série de outras pesquisas que, lá na frente, vão gerar isso. Muitas vezes a ciência não pode ser imediatista, as pessoas querem uma resposta rápida, mas uma resposta cientificamente válida e sólida não vai vir rápido (Mateus, 2024).



Essa necessidade de comunicar o processo em si também aparece nas falas de Malena Stariolo, do Jornal da Unesp, que critica a falsa expectativa de objetividade absoluta e aponta que a ciência é, por definição, um campo em permanente revisão: “[...] ainda não encontramos uma maneira eficaz de mostrar que a ciência é um processo em constante evolução” (Stariolo, 2024).

Essa percepção é fundamental, especialmente em contextos marcados pela desinformação e pelo negacionismo científico, nos quais mudanças de orientação (como no caso das vacinas ou do uso de máscaras durante a pandemia) são lidas como fraqueza ou manipulação, e não como parte natural do desenvolvimento científico. Além disso, a escolha por mostrar a dúvida, o inacabado, a pergunta e não apenas a resposta é uma estratégia poderosa de enfrentamento à superficialidade e ao tecnicismo.

d) Diferença entre jornais universitários e jornais diários

As distinções entre os jornais universitários e os veículos da imprensa diária se manifestam em diversos aspectos: das rotinas produtivas à liberdade editorial, passando pelas escolhas temáticas, formato das matérias e ausência de pressão comercial. Essas diferenças, apontadas pelos entrevistados, não se restringem ao funcionamento técnico dos veículos, mas têm implicações diretas sobre como a ciência é representada para o público.

De modo geral, os profissionais ouvidos destacam que, por não estarem submetidos à lógica mercadológica baseada em cliques, os jornais universitários conseguem priorizar a qualidade da informação e a complexidade das pautas, ainda que isso implique um menor alcance inicial ou menor “apelo popular”.

Malena Stariolo aponta que essa independência em relação às métricas de audiência permite uma abordagem menos sensacionalista, que valoriza a clareza e a profundidade:

A gente prefere muito mais produzir um material de qualidade do que produzir algo tendendo ao sensacionalismo para conseguir atrair cliques – que, no jornalismo diário, infelizmente, é uma das linhas que comanda a produção. Isso porque eles estão inseridos dentro de uma noção mercadológica, eles precisam continuar existindo e o que faz eles existirem, o que dá dinheiro pela publicidade, são os cliques (Stariolo, 2024).



Luiza Caires e Luiz Serrano, do Jornal da USP, compartilham da mesma perspectiva. Para eles, o compromisso com a missão institucional e com a diversidade de áreas da universidade exige que a divulgação científica seja feita com equilíbrio e responsabilidade, evitando distorções e promessas exageradas. Como pontua Luiza: “Temos o objetivo de alcançar um público amplo. Só não fazemos qualquer coisa para alcançá-lo” (Caires, 2024).

Por fim, Felipe Mateus, do Jornal da Unicamp, afirma que a independência frente às demandas de audiência permite praticar uma comunicação pública comprometida com a ciência enquanto valor coletivo, não apenas como conteúdo de consumo. Ele argumenta que os jornais universitários praticam uma comunicação pública sem a necessidade de atender às demandas de uma audiência pagante, permitindo uma abordagem mais centrada no fortalecimento do campo científico e na divulgação de pesquisas relevantes.

Em conjunto, essas falas reforçam que a estrutura institucional dos jornais universitários, mesmo com limitações de verba e pessoal, cria condições mais favoráveis à valorização do processo científico. Sem a urgência da monetização do conteúdo, há espaço para contar a história da ciência em sua complexidade, respeitando seus tempos e sua linguagem, e contribuindo para um jornalismo que informa sem simplificar em excesso.

e) Autonomia editorial como condição para aprofundar processos

A independência editorial dos jornais universitários é uma das principais condições para que esses veículos consigam comunicar a ciência de forma crítica, contextualizada e comprometida com seus processos. Diferente de veículos comerciais, muitas vezes condicionados por patrocinadores, audiência ou pressões político-institucionais, os jornais das universidades paulistas têm conseguido preservar margens importantes de liberdade editorial.

Pablo Diogo, editor-chefe do Jornal da Unesp, destaca que, embora os jornais estejam inseridos em uma estrutura institucional, a equipe editorial possui autonomia para decidir sobre conteúdos e abordagens. Isso permite resistir a eventuais tentativas de interferência, sejam elas acadêmicas ou administrativas.

Luiz Serrano e Luiza Caires, do Jornal da USP, reforçam esse mesmo ponto, destacando que nunca houve interferência direta da universidade ou do governo estadual sobre o conteúdo jornalístico, especialmente na editoria de Ciência:



O jornal da USP é livre de amarras. Essa é a experiência que eu conheço. Nunca tivemos nenhuma interferência, seja da própria Universidade, seja do Governo do Estado. Isso não aconteceu nenhuma vez nesses anos que eu estou aqui (Serrano, 2024).

Luiza pondera que, embora não haja censura explícita, há nuances e pressões indiretas que precisam ser constantemente negociadas, principalmente pela própria estrutura hierárquica das universidades: “[...] embora na área de ciências não haja interferência direta das instâncias de poder, existem influências indiretas⁴ decorrentes da hierarquia institucional e das visões dos reitores sobre o jornal” (Caires, 2024).

Por fim, Felipe Mateus, do Jornal da Unicamp, aponta que a liberdade acadêmica vivida dentro da universidade também se reflete na atuação dos jornalistas. Para ele, a pluralidade de temas e perspectivas é um indicativo dessa autonomia:

Eu acredito que, dentro do ambiente em que atuamos, é crucial valorizar a liberdade acadêmica, que se reflete em nossa atuação. Mostrar a diversidade de temas pesquisados na universidade é fundamental para consolidar a visão de que é um espaço de livre debate e troca de ideias. [...] Esse aumento na diversidade tem reflexos positivos não só na universidade, mas também na qualidade e relevância das pesquisas desenvolvidas (Mateus, 2024).

A autonomia editorial, nesses casos, não é apenas uma garantia institucional, mas uma condição necessária para construir um jornalismo científico comprometido com a complexidade da ciência, narrando a mesma em sua inteireza — com suas dúvidas, falhas, contextos e contradições.

f) Combate à desinformação e a ciência processual como antídoto

Embora o combate à desinformação científica não seja o foco exclusivo dos jornais universitários, ele aparece como um efeito natural de práticas jornalísticas comprometidas com a explicação do processo científico e com a mediação rigorosa do conhecimento. Ao

⁴ Pode-se compreender que tais “influências indiretas” dizem respeito não necessariamente a interferências diretas na editoria de ciência, mas à autoridade simbólica exercida pelo posicionamento das instâncias superiores, como a reitoria, sobre os rumos editoriais e as prioridades de cobertura do jornal.



produzirem conteúdos que evitam o sensacionalismo, contextualizam descobertas e expõem os bastidores da ciência, esses veículos contribuem, ainda que indiretamente, para a formação de públicos mais críticos e menos suscetíveis à manipulação informacional.

Pablo Diogo, do Jornal da Unesp, argumenta que comunicar ciência, hoje, é também entrar numa disputa de narrativas – e que o jornalismo universitário precisa assumir sua função de checagem, monitoramento e mediação pública com mais protagonismo:

Existe realmente uma percepção negativa da produção da ciência que não existia quando eu entrei na profissão. Existem pessoas que começaram a ter um olhar para a produção científica muito mais ingênuo, desconfiado. [...] Estamos disputando contra um adversário do lado de lá, que também está produzindo conteúdo. [...] O Poder está o tempo todo procurando orientar o discurso público, e a imprensa tradicionalmente faz essa checagem. Temos que estar muito mais atentos em relação a isso (Diogo, 2024).

Malena Stariolo acrescenta que o uso de diferentes gêneros jornalísticos, como o narrativo, pode ser uma estratégia para alcançar públicos mais amplos e desmistificar a ideia de uma ciência fria, distante ou tecnicista:

Acho que a gente ainda pode inovar mais, até mesmo com outras linguagens. O jornalismo narrativo, por exemplo, pode atrair a atenção de pessoas que não costumam consumir ciência. Acho que temos espaço para explorar formatos que aproximem, sem perder o rigor (Stariolo, 2024).

Luiz Serrano, da USP, reconhece que há um longo caminho a ser trilhado até que a ciência seja compreendida pela população como uma ferramenta de defesa social e cidadania. Ele pontua que essa construção demanda tempo, persistência e mudança de percepção sobre o papel da universidade:

Tem muito a andar e não é necessariamente pelos jornais das Universidades. [...] A divulgação de ciência via jornais universitários ganhou espaço, mas não suficiente. [...] Boa parte da população não está ligada à ciência como arma de autodefesa. Eu não tenho essa ilusão (Serrano, 2024).



A esse respeito, Luiza Caires reforça que, embora a divulgação científica independente esteja crescendo, a presença de jornalistas especializados ainda é essencial para mediar, traduzir e proteger a integridade da informação científica:

Eu acho que ainda fazemos pouco, somos limitados aqui no que conseguimos expor em relação à produção da universidade. [...] Há muitos divulgadores científicos que abordam temas de ciência, mas acredito que eles também não irão necessariamente contemplar a pesquisa da universidade. [...] Estamos vivendo uma era de questionamento das instâncias oficiais. A ciência é uma dessas instâncias oficiais (Caires, 2024).

Essas falas revelam um consenso: a desinformação sobre ciência não é apenas um problema de conteúdo falso, mas de comunicação falha, simplificação excessiva e ruptura da confiança entre instituições e sociedade. Os jornais universitários, ao valorizarem os processos científicos, ao evitarem promessas absolutas e ao manterem o rigor na mediação, atuam como barreiras preventivas contra o avanço da desinformação.

Considerações Finais

A análise dos jornais da USP, Unesp e Unicamp evidencia que os veículos universitários possuem potencial para exercer um papel fundamental na valorização da ciência enquanto processo. Longe de atuarem apenas como “vitrines institucionais” ou canais de divulgação de resultados prontos, esses jornais têm se posicionado como espaços privilegiados de mediação crítica do conhecimento, contribuindo para a construção de uma cultura científica mais reflexiva e democrática.

O tempo estendido para apuração, a liberdade editorial, a diversidade temática, a qualificação das equipes e o acesso direto aos pesquisadores são fatores que favorecem a construção de narrativas jornalísticas capazes de romper com a chamada “mitologia dos resultados” (Cascais, 2003, p. 1). Essa ruptura se dá quando o jornalismo deixa de destacar apenas as aplicações práticas ou as “grandes descobertas” e passa a valorizar a complexidade, os métodos, os contextos e as dúvidas que compõem o fazer científico.



Ao tornar visíveis os bastidores da ciência (bem como suas falhas, impasses e acertos parciais), os jornais universitários também colaboram para o fortalecimento da confiança pública na ciência, ao mesmo tempo em que reduzem o impacto da desinformação. O combate à desinformação, nesse contexto, não ocorre apenas pela negação de notícias falsas, mas pela construção de uma narrativa contínua e confiável sobre como o conhecimento científico é produzido.

Além disso, os dados analisados demonstram que os profissionais envolvidos na produção dos jornais universitários compreendem a comunicação científica como uma ferramenta de alfabetização científica e de fortalecimento da cidadania. Mesmo que o público prioritário ainda seja composto por membros da própria comunidade acadêmica, há um movimento crescente de abertura para públicos mais amplos, inclusive com circulação das matérias em grandes veículos de imprensa e redes sociais.

Por fim, observa-se que os jornais analisados são exemplos de que é possível fazer jornalismo científico com profundidade, rigor e compromisso público dentro das universidades. Seus modos de operação e produção, embora não ideais ou isentos de desafios, evidenciam práticas e estratégias que podem e devem ser reconhecidas, fortalecidas e multiplicadas. Em tempos de ataques à ciência e de crises de confiança, mostrar como a ciência é feita – e não apenas o que ela produz – é uma forma potente de comunicar, educar e transformar.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. Dialogismo e Divulgação Científica. **Rua**, Campinas, n. 5, p. 9-15, 1999
- BUENO, W. Jornalismo científico: resgate de uma trajetória. **Comunicação e Sociedade**, n. 30, p. 209-220, 1998.
- CAIRES, L. Entrevista concedida em 2 de abril de 2024, por videoconferência.
- CASCAIS, A. F. Divulgação científica: a mitologia dos resultados. In: SOUSA, Cidival M. *et al.* (orgs.). **A comunicação pública da ciência**. São Paulo: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003. p. 65-77.
- DIOGO, P. Entrevista concedida em 29 de fevereiro de 2024, por videoconferência.
- DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2015. p. 62-82.



FONSECA JÚNIOR, W. Análise de conteúdo. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2015. p. 280-304.

GARCIA, G. C. A divulgação científica no horizonte do (im)provável. **Scientiarum Historia VII**, 2014. Disponível em: pantheon.ufrj.br/handle/11422/1160.

HERNANDO, M. La difusión del conocimiento al publico: cuestiones y perspectivas. **Comunicação & Sociedade**, n. 29, 1998.

MATEUS, F. Entrevista concedida em 8 de abril de 2024, por videoconferência.

OBSERVATÓRIO DO CONHECIMENTO. Subfinanciamento ameaça educação e ciência no Brasil: balanço orçamentário revela perdas de R\$117 bilhões. **Observatório do Conhecimento**, 12 dez. 2023. Disponível em: <https://observatoriodoconhecimento.org.br/subfinanciamento-ameaca-educacao-e-ciencia-no-brasil-balanco-orcamento-do-conhecimento-revela-perdas-de-r-117-bilhoes/>.

PASTERNAK, N. Ciência para além dos muros: o papel, desafios e impactos da divulgação científica no Brasil. **Fiocruz**, 14 mar. 2018. Disponível em: www.fiocruzbrasil.org.br/populacao-brasileira-desconhece-o-mundo-cientifico-diz-pesquisa.

SERRANO, L. R. Entrevista concedida em 25 de abril de 2024, por videoconferência.

SIGNATES, L. Epistemologia e comunicabilidade: as crises das ciências, ante a perspectiva da centralidade do conceito de comunicação. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 133-148, 2013.

STARIOLO, M. Entrevista concedida em 25 de março de 2024, por videoconferência.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional. Vol. 2. Florianópolis: Insular, 2005.